

## A percepção frente à construção do conhecimento musical

**Tiago Vidal Corrêa<sup>1</sup>**  
UFRJ/MESTRADO/PPGM  
SIMPOM: *Educação Musical*  
tiagovidalcorrea@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta a síntese de minha pesquisa de mestrado em andamento, que tem por objetivo principal entender o processo perceptivo frente à construção do conhecimento musical. A percepção é o lugar de acontecimento em que conhecemos música como música, sem mediações. Para compreender o lugar de advento do ser/perceber música necessitamos pensar o que é próprio do humano e os diferentes aspectos psicossociais e filosóficos entrelaçados na criação de música, pois, das relações entre ser, perceber, humanos e mundo emerge a busca por conceitos que permitirão um melhor desenvolvimento e apreciação do fazer musical.

**Palavras-chave:** Percepção; Conhecimento; Educação Musical.

### The Perception in Facing the Construction of Musical Knowledge

**Abstract:** This article presents a summary of my master's research in progress, whose main objective was to understand the perceptual process towards the construction of musical knowledge. Perception is the most happening place in music we know as music, without mediation. To understand the place of advent of being / perceiving music need to think what is proper to the human and the various psychosocial and philosophical aspects intertwined in the creation of music, because of the relationship between being, perceiving, and human world emerges to search for concepts that allow a better development and appreciation of music making.

**Keywords:** Perception; Knowledge; Music Education.

A percepção é algo essencial ao ser humano. Os sentidos corporais são os canais que permitem ao ser humano a aquisição de informações do meio, e assim, tais informações provocam transformações internas gerando oportunidades de construção de conhecimento, pois, ao perceber e interagir com a coisa percebida, forma-se um ambiente cognitivo propício para o articular dos saberes.

---

<sup>1</sup> Orientador Dr. Celso Ramalho. Bolsista CAPES.

O estudo da percepção vem sendo desenvolvido através dos tempos. Encontra-se a preocupação com este estudo desde a Grécia (MARCONDES, 2001), onde pensadores como Heráclito (535 a.C.–475 a.C.), Parmênides (530 a.C.–460 a.C.), Demócrito (460 a.C.–370 a.C.), bem como pensadores posteriores (MARCONDES, 2001) desenvolveram em seus discursos o conceito de conhecimento, que está ligado a definição de percepção, pois, conhecer passa pelo crivo do perceber.

Abbagnano (2012) apresenta três significados principais para percepção: (1) um significado generalíssimo, segundo o qual este termo designa qualquer atividade cognitiva em geral; (2) um significado mais restrito, segundo o qual designa o ato ou a função cognitiva à qual se apresenta um objeto real; (3) um significado específico ou técnico, segundo o qual esse termo designa uma operação determinada do homem em suas relações com o ambiente. Em cada um desses significados, encontra-se uma especificidade, onde no primeiro significado a percepção se difere do pensamento. Bernardino Telésio (1509 – 1588) pensador renascentista, em sua obra “*De rerum natura iuxta propria principia*”<sup>2</sup>, diz que “a sensação é a percepção das ações das coisas, dos impulsos do ar e das mesmas paixões e mudanças, especialmente destas últimas” (*De rer. Nat.*, VII, 3). Assim, Telésio opõem-se ao pensamento de que a sensação seria apenas observada na ação das coisas ou modificação do espírito, contudo, admite que a sensação está na percepção de uma ou de outra. Pensadores posteriores, como Bacon (1561–1626), Descartes (1596–1650), Locke (1632-1704), Leibniz (1646–1716) e Kant (1724–1804) defenderam a mesma doutrina, contudo dando suas contribuições ao pensamento. No segundo significado, o ato cognitivo é objetivo, e o mesmo assimila um objeto real determinado, sendo este físico ou mental. Os pensadores estoicos, segundo Abbagnano (2012) “definem a sensação deste modo: a sensação é percepção por meio do sensorio ou da compreensão”. Segundo Abbagnano (2012):

O conceito de percepção ao qual essas doutrinas fazem referência é bastante uniforme: a percepção é o ato pela qual a consciência ‘aprende’ ou ‘situa’ um objeto, e esse ato utiliza certo número de dados elementares de sensações. Este conceito, portanto, supõem: 1º. a noção de consciência como atividade introspectiva e auto-reflexiva; 2º. a noção do objeto percebido como entidade individual perfeitamente isolável e dada; 3º. a noção de unidades elementares sensíveis. O abandono desses três pressupostos caracteriza a nova fase do problema da percepção, própria da psicologia e da filosofia contemporâneas. (ABBAGNANO, 2012, p. 877).

---

<sup>2</sup> A nova naturalidade se ajusta aos próprios princípios.

O terceiro conceito apresentado por Abbagnano se refere à percepção feita através da interpretação dos estímulos captados e a concepção dos significados destes. Assim, a percepção torna-se o ponto de encontro entre a mente humana e o mundo, entre o exterior e o interior.

O caso da percepção admite alguns ângulos de observação. No mundo acadêmico do estudo musical, percepção é um nome dado a uma disciplina. Neste ambiente de estudo, a percepção é encarada como uma atividade que permite ao discente a aquisição de habilidades específicas, como escuta e representação. Ouvir uma melodia e escreve-la em uma pauta musical, ouvir uma sequência de acordes e determinar teoricamente suas cadências, ouvir uma sequência de articulações dentro do espaço-tempo e representa-las graficamente usando sinais já convencionados, tais como colcheias, mínimas, semínimas, fórmulas de compasso, etc.. Esse tipo de percepção é tido como obrigatório para o sujeito que se vincula ao fazer musical, e realmente o é. Contudo, identificar os aptos ou não aptos ao fazer musical através da capacidade de reproduzir graficamente objetos sonoros é restringir o acesso do ser a práxis musical, pois, o perceber musical não pode, ou, não deveria ser medido apenas pela capacidade do sujeito em escrever o que ouviu, no caso de música, embora através dos tempos esta medida tenha sido empregada, o que resulta numa eliminação precoce do sujeito ao acesso aos sabores musicais.

Tome-se como exemplo a musicalidade de uma tribo indígena. Certamente o passar do conhecimento musical se dá através da oralidade e, o uso da música é objetivo, tal como o uso em cerimônias fúnebres, ou em festas no período de colheita ou até mesmo como rituais religiosos. Em todos esses momentos, dentro desta sociedade específica a música é produzida e veiculada entre os membros desta sociedade não através do uso metódico da percepção, mas através do uso prático do processo perceptivo. Este trabalho não tem a intenção de macular o uso destas práticas perceptivas tidas como educativas, porém, é nossa intenção reproduzir um olhar mais intenso e detalhista ao processo do perceber para a construção do conhecimento musical. Esta visão de percepção apenas como ferramenta metodológica para o ensino musical não é a sugerida neste trabalho.

Outro ângulo de visão da percepção se encontra dentro das visões psicológicas, de caráter ontológico, que formam complexos teóricos de construção do processo perceptivo. Estas visões, tais com a *gestalt*, o construtivismo, gibsonianos (BOCK, FURTADO; TEXEIRA, 1999), entre outros, formam uma cadeia de interpretações do processo perceptivo. A este trabalho cabe se apropriar dos conceitos convergentes com o pensamento do autor, para assim construir um caminho favorável onde o entendimento do processo perceptivo permita a aquisição do conhecimento.

Há o que se diz Percepção do mundo. Nesse lugar, pretende-se identificar toda e qualquer ação social que seja condizente ou não com o que entende-se por moral. Para ser entender a moral, há previamente um processo perceptivo que deduz as ações das quais serão fundamentadas os atos sociais. A percepção de mundo talvez seja a forma mais abrangente ao sujeito de delinear o que seja percepção, uma vez que em todo e qualquer meio social, há a indicação, através da percepção do sujeito, do que seja o mundo. Porém, este trabalho não tem a intenção de se articular através do discurso que está contido dentro dessa Percepção de mundo, apesar de nos apoiarmos nos processos perceptivos desenvolvidos por sujeitos inseridos ao meio social.

Perceber é algo essencial ao pensamento humano. Fazer a percepção é próprio do intelecto do sujeito. Mircea Eliade assinala que:

Uma diferença igualmente decisiva em relação ao modo de vida dos primatas é esclarecida pelo uso das ferramentas. Os paleantropídeos não só se servem das ferramentas, mas são ainda capazes de fabricá-las. É verdade que certos macacos empregam objetos como se fossem “ferramentas”, e conhecemos até casos em que eles as fabricam. Mas os paleantropídeos produzem, além disso, “ferramentas para fazer ferramentas”. Aliás, o uso que dão às ferramentas é muito mais complexo; guardam-nas bem perto para que delas se possam servir no futuro. Em resumo, o emprego não está limitado a uma situação particular ou a um momento específico, como acontece com os macacos. (ELIADE, 1988, p. 17-18).

De fato, a discussão aqui não se refere ao pensamento do desenvolvimento humano a partir de um primata, contudo, a narrativa de Eliade nos permite dizer que essas “ferramentas para fazer ferramentas” são o pensamento, que, tem seu começo e seu recomeço com a percepção, permitindo assim, a construção de conhecimento. Não será muito forçoso fazer-se um comparativo em que essas ferramentas sejam o próprio pensar? Assim, como o pensar se liga ao perceber? Para o contexto musical, como entender o perceber e pensar dentro do espaço-tempo geometrizado pela partitura em contraposição ao perceber e pensar indo ao encontro do espaço-tempo do fenômeno desvelado pela produção e criação musical?

Recorrendo-se a um dicionário de língua portuguesa, observa-se a seguinte significado para percepção: (1) ato, efeito ou faculdade de perceber; recepção, pelos centros nervosos, de impressões colhidas pelos sentidos. (2) Cobrança, recebimento. Certamente, o conceito aqui apresentado é apenas a ponta de um *iceberg* (MICHAELIS, 2014), de investigação filosófica, contudo, está prévia definição nos aponta um caminho aceitável a este trabalho: o de perceber a percepção através dos sentidos, e assim, observa-la dentro e fora do corpo humano, e para isso, voltar à Grécia e seus pensadores é uma tarefa obrigatória a essa discussão.

Mas antes de se prosseguir com esta discussão, abra-se um espaço para dialogar um pouco mais com esta comparação do *iceberg*, afim de que se possa encontrar um momento para refletir. Um *iceberg* é uma montanha de gelo que se desprende de geleiras em uma calota polar e segue seu fluxo ao mar aberto. Aproximadamente 10% de todo seu volume fica acima do nível da água, enquanto sua maior parte navega submergida. Sua constituição é quase totalmente de água, contudo, um *iceberg* pode conter animais vivos ou fossilizados ou qualquer outro material que tenha sido agarrado em seu corpo no momento de sua formação. Ao longo de sua vida, o *iceberg* navega pelo mar causando beleza aos olhos de quem o admira, assim como perigo constante para aqueles que por perto transitam. Antes de seu último suspiro e esfacelamento em alto mar, o *iceberg* vai aos poucos se mudando e assumindo a forma de mar, pois, seu estado físico se adapta ao novo ambiente, e o que fora sólido passa então ao estado líquido e deva-se isso ao aquecimento da temperatura. Eis então a breve vida de um iceberg: formado em uma geleira, desprendido dela, vagando por um ambiente, se transformando, e passando a constituir uma nova forma após seu contato com outras informações.

Ora, não seria também esta a vida do pensamento, ou esta a vida da percepção, e porque não dizer que esta seria a vida do conhecimento?

Se tratarmos do momento perceptivo, poder-se-á dizer que o estado perceptivo é desprendido de algo maior, o intelecto. Após este primeiro ato, pode-se fazer a vistoria da constituição da percepção, se é pura ou vem com elementos agregados, sejam estes elementos vivos ou fossilizados, ou seja, estes elementos podem constituir uma agregação ativa, por exemplo, ser algo que some a conduta do perceber, como a experiência da repetição, que gerará acertos e erros, ou algo fossilizado, como a rigidez do método. Após a dissecação do que constitui essa percepção pode-se adentrar ao ambiente onde esta é ocorrida. De forma centralizada este ambiente é o próprio ser humano. De forma ampla este ambiente é o conhecimento, pois, ao avistar o deslocamento desta percepção, pode-se entender que a mesma transita pelo ambiente do conhecimento, ou seja, pelo mar dos saberes já medidos e entendidos pelo sujeito. Desta forma, este *iceberg* da percepção começa a flutuar no mar do conhecimento, e o que ocorre nesta etapa se assemelha ao que ocorre com o *iceberg* verdadeiro, há transformação. O que imediatamente se vê da percepção é apenas aquilo que está acima do nível do conhecimento, assim, admitir que a percepção seja maior à medida que se mergulha no conhecimento é admitir um olhar profundo nesse mar, abaixo do seu nível. Em outras palavras, medir a percepção apenas pelo que se pode ver acima do nível do conhecimento, é restringir o acesso à parte maior que cabe a percepção.

Ao deslizar deste *iceberg* perceptivo no mar do conhecimento, ao diluir deste bloco em algo já encontrado, ao diluir da percepção em conhecimento, encontra-se o saber, o conhecer, o fazer, o sentir, o pensar.

Voltemos ao começo. Este bloco desprende-se de algo maior. A percepção se solta do próprio conhecimento humano e carrega em si tudo que fora abstraído pelos sentidos, formando uma montanha de informações que será saboreada à medida que se flutua em direção ao mar. Assim como um *iceberg* pode causar beleza aos olhos de quem o admira, bem como perigo aos que transitam em sua volta, a percepção causa beleza àqueles que a enxergam de forma ativa, ou seja, sendo um sujeito que troca informações com o que lhe já é próprio, com aquilo que lhe é apresentado ao decorrer das experiências, ou perigo de falecimento intelectual, se por um acaso a percepção for encarada apenas com algo rígido em que não pode haver transformações, experimentações, mergulhos mais profundos.

Encontrar beleza, ou virtude ao ato de perceber é ser ensinado a não apenas apreciar o que se encontra acima do nível do conhecimento, e sim mergulhar e observar o que se encontra no mais profundo olhar. Ao fazer musical, encontra-se está metáfora, por exemplo, no seguinte momento: o que se está acima do nível do mar, ou do conhecimento, é aquilo que lhe é proposto pela rigidez de um método, ou seja, aquilo que é dito ao ser humano como obrigatório ver, fazer, ouvir e reproduzir. Pense que a maior beleza pode estar na outra parte não vista acima do nível da água. Pense que a melhor percepção musical pode estar além desta dita como correta e prescritiva, pode estar na submersão do pensamento dentro do conhecimento daquilo que fora desprendido ao ser com a percepção.

Lembremo-nos da dita idade média em que a sociedade, e por que não dizer a Igreja Católica Romana, denomina o intervalo conhecido como trítone, ou seja, a distância de três tons entre duas notas, como o som do diabo (GROVE, 1994) Pode-se dizer que nesse momento a percepção da Igreja estava focada apenas no que deslizava acima do nível do mar do conhecimento musical, não importando os saberes e sabores que podiam ser encontrados com uma percepção mais aprofundada do material proposto. Naturalmente, o material harmônico já utilizado e aceito também fora fruto de um olhar perceptivo mais profundo, contudo, a rigidez do método pode decepar a oportunidade de novos elementos musicais. Imaginemos se os compositores não tivessem mergulhado mais profundamente, para observar o que estava debaixo do nível do conhecimento, e deslumbrarem a beleza da utilização deste intervalo de três tons. Ainda neste momento de imaginações, continue-se a pensar o que seria da 9ª sinfonia de Beethoven sem a tensão gerada pelos trítonos contidos em acordes

dominantes? Ou a música de Wagner sem as tensões provocadas por intervalos dissonantes, sem o caminhar de tensão e relaxamento que fora começado na utilização deste intervalo? Em dias atuais, o que seria da música brasileira se a centenas de anos atrás, não se houvesse dado espaço para a percepção que estava submergida no conhecimento? Ou pré-conhecimento?

Hoje, após inúmeras visitas ao bloco perceptivo que está submergido no conhecimento, pode-se medir o que há de melhor no encontro da percepção musical com o conhecimento musical: o sabor dos desdobramentos musicais atingidos após a navegação da percepção no mar do conhecimento, onde esta percepção fora se diluindo em conhecimento, em outras palavras, está práxis fora se convergindo para novos conceitos musicais. Assim como o *iceberg* em água há um ciclo existente, onde o que se soltou algum tempo atrás é agora água que está somada ao mar, com o passar do tempo, novas partes vão se soltando, novos blocos, e assim, novos processos vão surgindo e trazendo consigo novos caminhos, novas percepções.

O estímulo para apreciar e abstrair do conhecimento não somente acima do nível do mar é necessário ao sujeito que se dispõem interagir de forma ampla com o conhecimento musical. A percepção frente à construção do conhecimento musical é uma ação deliberada do sujeito, onde o relacionamento entre a coisa a ser percebida e o ser humano não pode ser dar apenas com a repetição de modelos rígidos, mas sim através de experimentações contínuas do fazer musical.

Tomás (2005) diz:

a música na sociedade grega exercia um papel de importância capital, pois suas conexões com outros campos do saber ultrapassaram muito o sentido comum do que se entende por música, isto é, como um fenômeno audível que pode ser percebido sensorialmente”. (TOMÁS, 2005, p. 13).

Se perceber é pensar, “pois o mesmo é pensar e ser”<sup>3</sup> (HEIDEGGER *apud* PARMÊNIDES), um mergulho profundo nas profundezas do mar do conhecimento é necessário para então se compreender o que sustenta aquilo que é visto como superficial no *iceberg* do processo perceptivo.

### Conclusões preliminares

O perceber sempre estará nas ações do ser humano, sejam estas ações físicas ou mentais. A construção de conhecimento é inevitável ao sujeito em perfeitas condições

---

<sup>3</sup> Τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστὶν τε καὶ εἶναι.

psicossociais. Olhar, olfatar, tocar, escutar e saborear permite ao ser humano a destreza de se manter em constante adaptação ao meio, e por isso estar na ação de conhecer o mundo e contribuir para a construção do conhecimento como a própria percepção das coisas.

Entender a prática musical é estar no lugar concreto do acontecimento perceptivo e deixar fluir as experiências abstraídas, medidas e reutilizadas em outro contexto e, correlacionar toda e qualquer informação encontrada.

A educação do século XXI, seja ela musical ou não, é a mais avançada concatenação de informações já existente, uma vez que, agora se pode olhar para trás e somar as partes significativas desenvolvidas ao longo das experiências educacionais. Contudo, há práticas perceptivas baseadas em medidas antigas. Por um lado há uma apresentação de materiais capazes de desenvolver o sujeito ao fazer musical de forma eficaz, porém, a aplicação destas informações ao sujeito se dá de forma como se ainda estivéssemos dentro do extrativismo, onde é coletado do sujeito fazeres que ainda não estão prontos, visto que o mesmo ainda não consegue digerir as informações captadas pelos sentidos e relacioná-las com conhecimentos já assimilados.

Cobrar uma percepção globalizada que permita ao músico fazer qualquer articulação no espaço-tempo com seu instrumento, ou, ouvir e escrever qualquer som captado com símbolos gráficos, porém, o ensinando com moldes que limitem a multiforme apreciação do fazer musical, será cobrar algo não concebido previamente pelo sujeito. Pensemos: o que se poderia dizer, baseados nos moldes atuais de educação musical da seguinte forma avaliativa: entregar-se-á uma folha em branco para um aluno que estude música por um período de seis meses, e será proposto a ele escrever tudo o que ele sabe sobre o que foi visto, ou seja, ele, de sua forma e com sua medida escreverá livremente sobre tudo o que está dentro de seu conhecimento. Por certo poderá se esquecer de algo, mas, a intenção é deixá-lo livre para escrever. Talvez este aluno não consiga esboçar as primeiras linhas, uma vez que ele está treinado a responder o que lhe é perguntado, talvez este aluno surpreenda ao avaliador, ao escrever as informações contidas nos seis meses de aula, mais outras informações que ele buscou por conta própria e que também chegou a conclusão sozinho, após refletir sobre o que pensava.

Será que este modelo de avaliação seria adequado aos moldes educacionais vigentes? Será que se conseguiria extrair do aluno o resultado esperado após o tempo de estudo? Será que o que foi supostamente escrito pelo aluno terá valor pedagógico? Será que isso o levará a ser músico? Quantas vezes se poderá o avaliar desta maneira, tendo qualidade no que está se colhendo como avaliação?

Se pensarmos que aquilo que você precisa decorar pode ser mostrado para o sujeito no momento de uso destes elementos, uma vez que se entende que o que é fixo no aprendizado, por exemplo, no caso de música, as figuras de som, as tonalidades, o uso da notação musical, etc., após a compreensão destes elementos os mesmo não mudarão mais de forma e significado, o ato de como usá-los durante a práxis será determinado pela percepção, ou seja, elementos fixos não serão determinantes ao fazer musical, a não ser que sejam usados com uma percepção ativa, que gere pensamento, que some conhecimento, que permita então a coexistência de captação, assimilação e uso de novas informações. Em outras palavras, um exemplo musical seria um ditado melódico, onde os elementos fixos são as notas, as tonalidades, o uso da escrita musical, etc., tudo isso pode ser mostrado para o sujeito que se propõem a realizar o ditado melódico. Mas, o perceber e pensar destes elementos fixos serão determinantes para a execução ou não do ditado melódico. Lembre-se do comparativo do *iceberg*, onde a ponta do mesmo é apenas a começo de todo o processo. Perceber e pensar os elementos fixos através do que já se tem previamente adquirido com conhecimento bem como interagir com o que é proposto no espaço-tempo corrente é entender e abstrair o que se encontra em todo *iceberg*.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Ed. Wmfmartinsfontes, 2012.
- BOCK, Ana M. Bahia, FURTADO, Odair e TEXEIRA, Aria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Ed. Saraiva, 2001.
- ELIADE, Mircea. *História das Religiões*, vol. 1. São Paulo: Ed. Res, 1988.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução á metafísica*, apresentação e tradução Emanuel Carneiro Leão. 3º ed. Rio de Janeiro, Ed. Tempo Brasileiro, 1987.
- LOWENSTEIN, Otto. *Os sentidos*. Rio de Janeiro: Ed. Biblioteca Universal Popular, 1968.
- LUCRECIO, Tito. *A natureza das coisas*. Tradução de Antonio José de Lima Leitão. Lisboa: TYP. Jorge Ferreira de Mattos, 1851.
- MARCONDES, Danilo. *Iniciação a história da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. 6ºed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- MICHAELIS, *Dicionário de Português*. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=percep%E7%E3o>>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- SADIE, Stanley (ed.). *GROVE, Dicionário musical – edição concisa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

TOMÁS, Lia. *Música e filosofia: estética musical*. São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 2005.